



ESCRITA DA HISTÓRIA E (RE)CONSTRUÇÃO DAS MEMÓRIAS

ARTE E ARQUIVOS EM DEBATE

CRISTINA FREIRE
organizadora

ESCRITA DA HISTÓRIA

E (RE)CONSTRUÇÃO DAS MEMÓRIAS

ARTE E ARQUIVOS EM DEBATE

X Congresso Internacional de Estética e História da Arte
Escrita da história e (re)construção das memórias : arte e arquivos em debate

Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte

Comitê Científico

Cristina Freire (MAC USP / PGEHA USP)
Lisbeth Rebollo Gonçalves (ECA USP / PGEHA USP)
Edson Leite (MAC USP / PGEHA USP)
Vera Pallamin (FAU USP / PGEHA USP)

Comissão Geral do Congresso

Águida Furtado Vieira Mantegna
Andrea de Lima Lopes Pacheco
Guilherme Weffort Rodolfo
Joana D'Arc Ramos Silva Figueiredo
Paulo Cesar Lisbôa Marquezini
Sara Vieira Valbon

Apoio

Universidade de São Paulo
Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte – PGEHA USP
Museu de Arte Contemporânea – MAC USP
Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo – PRCEU
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES

GEACC - Grupo de Estudos em Arte Conceitual e Conceitualismos no Museu
CALT - Cultura e Arte no Lazer e Turismo

ESCRITA DA HISTÓRIA

E (RE)CONSTRUÇÃO DAS MEMÓRIAS

ARTE E ARQUIVOS EM DEBATE

CRISTINA FREIRE
organizadora



São Paulo 2016

© – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História de Arte / Universidade de São Paulo

Rua da Praça do Relógio, 160 – Anexo – sala 01
05508-050 – Cidade Universitária – São Paulo/SP – Brasil

Tel.: (11) 3091.3327

e-mail: pgeha@usp.br - www.usp.br/pgeha

Depósito Legal – Biblioteca Nacional

Ficha catalográfica elaborada pela
Biblioteca Lourival Gomes Machado do
Museu de Arte Contemporânea da USP

Congresso Internacional de Estética e História da Arte (10., 2016, São Paulo) .

Escrita da história e (re)construção das memórias : arte e arquivos em debate / organização Cristina Freire. São Paulo : Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 2016.

374 p. ; il.

ISBN 978-85-7229-074-6

1. Estética (Arte). 2. História da Arte. 3. Arquivos de Arte. I. Universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Estética e História de Arte. II. Freire, Cristina.

CDD – 701.17

Fotografia capa: Fernando Piola

*Tradução dos textos de Ticio Escobar, Sebastián Vidal Valenzuela, Fernando Davis,
Daniella Carvalho e Claudia Rojas:* Maria Cristina Caponero

Revisão de textos: André Henriques Fernandes Oliveira

Produção editorial: Águida Furtado Vieira Mantegna, Paulo Cesar Lisboa Marquezini e Sara Vieira Valbon

Organização: Cristina Freire

Publicação do X Congresso Internacional de Estética e História da Arte - Escrita da história e (re)construção das memórias : arte e arquivos em debate, realizado nos dias 24 a 27 de outubro de 2016 no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, organizado pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História de Arte / Universidade de São Paulo.

HANS EIJKELBOOM E A AUTORIA NO VESTIR CONTEMPORÂNEO

HELOISA NOBRIGA¹

EDSON LEITE²

INTRODUÇÃO

A produção de imagens poéticas na contemporaneidade se configura de maneira heterodoxa. Observando o histórico de representações do século XX, percebe-se a variedade de possibilidades em que se apresentam; dessa forma também, o vestir pode, atualmente, ser questionado como potência estética e expressiva.

A partir de Marcel Duchamp, o observador também tem o poder de interferir na obra de arte com sua interpretação individualizada. Vê-se, então, que a forma de produzir e apreciar arte se modifica sobremaneira com a introdução dos *ready-mades* no universo das artes plásticas: a utilização de objetos massificados como produtos artísticos suscita uma nova postura de artistas e apreciadores, assim como da crítica, que passam a incorporar os objetos do cotidiano no *mainstream* da arte.

Com o objetivo de apresentar uma arte que se aproximasse da vida, cuja apreciação fosse acessível a todos, a arte do começo do século XX transforma a herança da arte: o que levava a crer que o público poderia agir como apreciador livre, sem necessidade de detenção de quaisquer pré-conhecimentos acerca do universo estético das artes visuais. Neste processo, não é apenas o cotidiano que é trazido para a obra de arte, mas a própria vida, o que vem corroborar a ideia de Gombrich (2008, p. 18) “Nada existe realmente a que se possa dar o nome de Arte. Existem apenas artistas”. O olhar para o cotidiano, a ação do público e artistas e sua interação costumeira

-
1. **Heloisa de Sá Nobriga.** Mestra e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da USP (PGEHA USP).
 2. **Edson Roberto Leite.** Professor titular do Museu de Arte Contemporânea da USP (MAC USP) e docente no Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da USP (PGEHA USP).

com o mundo dos objetos, direcionam ao questionamento da utilização da vestimenta como suporte expressivo na contemporaneidade.

A ESTETIZAÇÃO DO VESTIR

Deve-se reforçar que, nessa trajetória, há uma estetização da vida cotidiana e uma hipervalorização estética das banalidades diárias, o que permite a análise estetizada do vestir. Notamos que, desde as propostas modernas, há a preocupação de alguns artistas sobre a vestimenta cotidiana. Giacomino Balla e Gustav Klimt, por exemplo, questionam as formas do vestir, mostrando uma preocupação em quebrar cânones pré-existentes. Como objeto de potência massiva, o vestuário passa por etapas distintas e importantes para sua atual configuração como potência expressiva. A primeira fase se dá na passagem da Idade Média para a Moderna, onde a ascensão burguesa permite a cópia de elementos do vestuário da nobreza. A segunda fase acontece como decorrência da Revolução Francesa, quando o próprio nome dos rebeldes, *SansCulottes*³, remonta à importância da aparência como forma de reivindicação política e social, já que questionava os privilégios da nobreza e do clero e o absolutismo intransigente do Rei Louis XVI. Assim, foi pela roupa que este grupo se apresentou, e foi nomeado, com sua individualidade sendo suprimida em favor do bem coletivo. Será por ocasião da Revolução Industrial – que barateia a manufatura têxtil, tornando o vestuário um bem de larga escala, mais acessível – o terceiro momento importante para haver o vestir expressivo que hoje conhecemos, incluindo-se por volta da década de 1920 a construção e confecção a partir da padronização dos corpos por meio de grades de modelagem, a favor da agilidade e volume produtivos. A roupa pronta nos permite um consumo maior, ainda que desprovido da individualidade. Tal acessibilidade do vestuário promove, pouco a pouco, pelo excesso de oferta, a pluralidade das aparências onde cada um de nós pode se reconstruir a cada dia, inventar *personas*, atualizar identidades, construir estilos de vida. Temos, então, um vestir multifacetado, em que cada um é estilista de si mesmo e a cada dia todas as pessoas têm que eleger uma construção plástica expressiva do vestir que as represente.

Nesse ponto, deparamo-nos com um paradoxo importante: assim como nas artes visuais, o processo produtivo do vestuário e a construção individual da aparência se equilibram entre a importância da subjetividade e a força do coletivo. Se por um lado a acessibilidade do vestir tende a pasteurizar as possibilidades, que, apesar de múltiplas, são previsíveis, por outro vivemos também no guarda-roupas o conceito das práticas artísticas e culturais de nossa época, que implicam em registros subjetivos gerados por interações com o meio, com os produtos e com as outras subjeti-

3. *Sans Culottes*: Em tradução livre da língua francesa: sem culotes. O culote era uma espécie de calção justo na altura do joelho, costumeiramente adotado pela nobreza à época da revolução Francesa. Os burgueses e trabalhadores utilizam, ao invés, dos culotes, uma calça comprida de algodão, de aspecto mais grosseiro.

vidades que participam dos processos artísticos e culturais. Nesse sentido, cada ser humano é, segundo Borriaud (2011), um “semionauta”, atribuindo e recombinao signos, já que, atualmente, tanto os criadores como os espectadores (coautores) não têm mais a mesma importância que detinham nos primeiros movimentos modernistas, já que nesse momento o foco se detém na relação com o objeto em si. A partir dessa premissa, Bourriaud (2009) sustenta a afirmação de que o contemporâneo é um período de pós-produção: edita-se, retoca-se, rearticula-se, superposiciona-se elementos, materiais, signos, significados etc.

No campo da moda, é perceptível que o que o vestir é, pós-revolução industrial, mecanismo coletivo e sistêmico, que foi pouco a pouco buscando a ratificação do consumidor. Esse conjunto vai se distanciando do ciclo curto de consumo (*fast-fashion*⁴) na direção de uma coautoria estilística entre autores e consumidores na construção de seus personagens cotidianos. Quando elege seus produtos de consumo expressiva, “o consumidor assume o papel que era do crítico de arte. Então, começa o jogo do juízo estético, do sucesso e da falência da mercadoria” (MORACE, p. 14). As possíveis implicações visuais delineadas entre as influências do mundo externo e da individualidade podem, então, evidenciar o vestir como uma importante manifestação da estetização da vida na contemporaneidade, da atual articulação entre a produção, a circulação e o consumo, e do próprio *Zeitgeist*⁵, destacadas no resultado do desenho de si.

HANS EIJKELBOOM

Destaca-se aqui a importância do trabalho do fotógrafo Hans Eijkelboom, que explora valores do coletivo e do individual identificados na massificação estética proporcionada pela indústria cultural. O resultado de seu trabalho são foto-expedições-antropológicas, que transformam o seu olhar *flâneur*⁶ em um olhar etnográfico cosmopolita contemporâneo. Eijkelboom vem, ao longo de sua trajetória, explorando a temática da aparência nas suas mais diversas abordagens, sempre utilizando o vestuário, a moda e o espaço urbano como mote. Entre suas obras, pode-se citar os álbuns: *Identity* (1977), *Biografy* (1996), *Fotowerken* (1999), *Kleding* (2001), *10-Euro Outfits* (2010), *People of the twenty-first century*, *1September 2012*, São Paulo,

4. Em tradução livre: “moda-rápida”. Diz respeito a um modelo de consumo incorporado pelo varejo de moda onde a renovação rápida e constante das peças e modelos instiga o consumo e fomenta o ciclo rápido da moda.

5. Em tradução livre do alemão: o espírito do tempo.

6. Termo francês que se refere ao ato de caminhar, perambular pelas cidades. O *flâneur* era, antes de tudo, um tipo literário do século XIX na França, essencial para qualquer imagem das ruas de Paris. A palavra traz um conjunto de associações: o homem voltado ao lazer, o explorador urbano, o conhecedor da rua. Era Walter Benjamin, com base na poesia de Charles Baudelaire, que fez esta figura o objeto de interesse acadêmico no século 20, como um arquétipo emblemático da experiência urbana, moderna.

Brazil (2012). Nesses trabalhos, ele elenca algum padrão cotidiano (vestuário, gestos, posturas, locais etc.) e os registra massivamente, abordando o consumo, a massificação e a indústria cultural, registrando a estetização do cotidiano na vida dos grandes centros urbanos desde a década de 1970.

No início de seu trabalho, formado por autorretratos, o artista questionava se ele era fruto da sociedade de consumo ao invés de ser ele próprio. Isso o levou a analisar a identidade como forma de expressão e a vestimenta como membrana que separa o ser indivíduo do meio social, destacando-se dentre seus trabalhos aqueles nos quais o vestuário tem papel principal na composição plástico-expressiva da aparência.

Em Eijkelboom, podemos notar o ciclo da moda e suas reverberações no “pertencimento e na distinção” que regulam não apenas os aparecimentos e declínios formais, como os grupos e os mecanismos de individualização. A “moda consumada” de Lipovsky (1989) *é fotografada por* Eijkelboom deflagrando no apelo consumista o desejo de autossatisfação, de realização de autoimagem, de pertencimento etc. Desse modo, o indivíduo vive na constante luta para encontrar-se com aquilo que lhe faz único, conquanto a pessoa cerca-se da identidade que permite que sua marca seja reconhecida pelos seus pares. Isso também é explicado pelo paradoxo que, segundo autores como Lipovsky (1989), Simmel (2008) e Wilson (1985), *é* marca indissociável da moda e seu grande motor: o registro de pertencimento a uma coletividade pautado pela afirmação do ser individual. Revezando pertencer e distinguir na constituição do ciclo da moda, garantindo seu *modus operandi*. “Vestir-se à moda implica uma pessoa destacar-se e, simultaneamente, fundir-se na multidão, reivindicar o exclusivo e seguir o rebanho” (WILSON, 1985, p. 17).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hans Eijkelboom passeia entre várias questões: o da reprodutibilidade técnica, da individuação *versus* individualidade, da multiplicidade, do pertencimento, da vida cotidiana como objeto estético, da arte da existência, entre outros; apropriando-se de dois sistemas de reprodutibilidade e massificação, moda e fotografia, para atestar sua singularidade tanto como artista como quanto indivíduo, assim como das pessoas que fotografa e daquelas que apreciam suas exposições. E, neste caso, a assinatura do artista dá a legitimidade a todo o processo de autoria do vestir.

A estetização da vida cotidiana é um elo comum entre modernidade e seus desdobramentos, sendo nossa postura frente ao próprio tempo o maior diferenciador: enquanto na modernidade há um olhar *voyeur*, depois há uma imersão ativa que funde os agentes envolvidos entre a produção, circulação e consumo, desarticulando e quebrando os paradigmas, não apenas do local ou do objeto de arte, mas também de sua autoria. Os caminhos do traçar a si mesmo por meio da vestimenta, com a posse autoral da estetização da vida cotidiana, é processo criativo designado por um fazer

cotidiano que é permeado pelos processos criativos individuais a partir das possibilidades estéticas fornecidas por um mercado de consumo de moda em funcionamento.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.
- BAUDRILLARD, Jean. **A Sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **A produção da crença**: contribuição para uma economia de bens simbólicos. Porto Alegre: Zouk, 2008.
- BOURRIAUD, Nicolas. **Pós-produção** – Como a arte contemporânea reprograma o mundo contemporâneo. São Paulo: Martins, 2009.
- _____. **Formas de vida**: A arte moderna e a invenção de si. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- GOMBRICH, Ernest Hans. **A História da Arte**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- HALL, Stuart. **A Identidade na Pós Modernidade**. Rio de Janeiro: Dp&A, 2006.
- HANS Eijkelboom. Disponível em: <<http://www.photonotebooks.com/>>. Acesso em: 1 jun. 2016.
- LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- MORACE, Francesco. **Consumo autoral**: as gerações como empresas criativas. [trad.] Kathia Castilho. São Paulo: Estação das Letras e Cores Editora, 2009.
- SIMMEL, Georg. **Filosofia da Moda e outros escritos**. [trad.] Artur Morão. Lisboa: Texto e Grafia, 2008.
- WILSON, Elizabeth. **Enfeitada de sonhos**. Moda e modernidade. Lisboa: Edições 70, 1985.